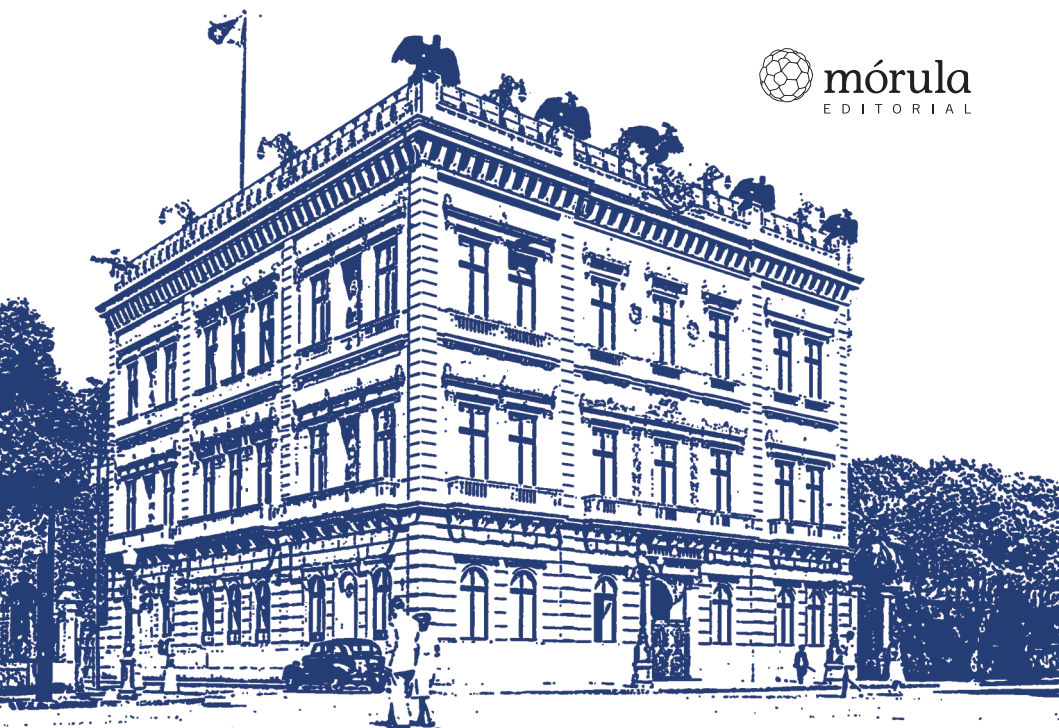




mórula
EDITORIAL



Rio- Brasília

NARRATIVAS SOBRE A
MUDANÇA DA CAPITAL

Vania Maria Cury



Resultado de um levantamento realizado a partir de jornais publicados no Rio de Janeiro durante os anos de construção de Brasília (1956-1960), esta obra busca entender como foram moldados os mitos e as narrativas sobre a mudança da capital para o Planalto Central.

O panorama social brasileiro era formado por um conjunto de contradições em que o novo, o moderno e o avançado conviviam com o velho, o antiquado e o atrasado numa desconformidade tensa e dramática que se prolongaria por muitas décadas. A cidade do Rio de Janeiro foi uma das representações mais emblemáticas desse processo histórico de evolução.

Entre 1956 e 1960, a imprensa do Rio de Janeiro, de um lado, desprezava a nova capital localizada no “nada” do Planalto Central, produzindo matérias e reportagens que davam conta das dificuldades que cercavam a sua edificação. O pessimismo era o tom (quase) permanente das notícias. Por outro lado, os jornais lamentavam as perdas que seriam sentidas pelo Rio de Janeiro, considerando-as injustas, demonstrando, ao mesmo tempo e de modo contraditório, certo despeito pela transferência da capital. Em meio à depreciação em relação à mudança, apareciam, porém, notícias e relatos sobre as muitas agruras da então capital federal, que apontavam questões raramente contempladas nos editoriais e textos de opinião.

Este ensaio fala das contradições desse Rio de Janeiro, propondo uma reflexão que vá além das narrativas e dos mitos que se criaram em torno da transferência da capital — a cidade sempre foi complexa, dura e violenta.

Vania Maria Cury

Rio- Brasília

NARRATIVAS SOBRE A
MUDANÇA DA CAPITAL

Copyright © Vania Maria Cury.

Todos os direitos desta edição reservados
à MV Serviços e Editora Ltda.

REVISÃO

Marília Gonçalves

PROJETO GRÁFICO

Patrícia Oliveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Elaborado por Gabriela Faray Ferreira Lopes – CRB 7/6643

C988r

Cury, Vania Maria

Rio-Brasília: narrativas sobre a mudança da capital /
Vania Maria Cury. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2022.
240 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81315-37-5

1. Rio de Janeiro (RJ) – História – 1956-1960. I. Título.

22-81003

CDD: 981.53

CDD: 94(815.3)



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904
20021_360 _ Lapa _ Rio de Janeiro _ RJ
www.morula.com.br _ contato@morula.com.br

/morulaeditorial /morula_editorial

■ *Dedico este ensaio a todos os construtores e habitantes de Brasília, cuja colaboração inestimável foi (e tem sido) essencial para a realização desse grande sonho de mudar o Brasil.*

E também a todos os cariocas, de nascença e de coração, que fazem um enorme esforço para que o Rio de Janeiro continue lindo.

■ Todo aquele tumulto, que parecia desordenado, mas era harmonioso, falava de um Brasil diferente. De um novo país que acordava de um sono centenário e sacudia os músculos, preparando-se para seu grande futuro. Aquele tumulto significava renascimento, ou melhor, reafirmação. O gigante encontrara-se, por fim, a si mesmo, e montava sua tenda no Planalto, de onde comandaria os movimentos do seu imenso corpo. Luzes, ruídos, atividade — eis as vozes que anunciavam uma nova era na existência do Brasil.

[**JUSCELINO KUBITSCHEK**. Por que construí Brasília. 2ª ed. Brasília, Senado Federal, 2002, p. 113]

SUMÁRIO

9	PREFÁCIO
	Contrastes de um moralismo pequeno-burguês <i>Esther Dweck</i>
17	APRESENTAÇÃO
29	ABREVIATURAS E REFERÊNCIAS
31	É carnaval!
47	Tráfego e transportes
69	Habitação e favelas
97	Subúrbios e bairros periféricos
111	(In)segurança
135	Saúde pública
155	Dimensões culturais e entretenimento
183	Cidade maravilhosa
205	A mudança da capital
229	À GUIA DE CONCLUSÃO
235	REFERÊNCIAS

PREFÁCIO

Contrastes de um moralismo pequeno-burguês

ESTHER DWECK

Professora do Instituto de Economia da UFRJ

A LEITURA DE UMA OBRA é sempre um encontro com o desconhecido. A releitura, por sua vez, carrega em si a memória do primeiro encontro e uma miríade de novas percepções que surgem neste tempo-espço. Foi com enorme satisfação que reencontrei esta obra que retrata o processo de formação da cidade do Rio de Janeiro durante o período da transferência da capital para Brasília. Ao cobrir os anos que se passaram entre o começo da construção de Brasília e a efetiva transferência da capital, a autora oferece ao leitor relatos imprescindíveis para compreender o Rio de Janeiro em sua forma atual. A partir do levantamento sistemático dos principais jornais da época, somado às memórias da autora, vai se revelando ao leitor a assustadora atualidade dos fatos apresentados ao longo dos capítulos.

Estruturado a partir de temas impactantes, como carnaval e dimensões culturais, favelas, subúrbios e transporte, segurança e saúde pública, nos deparamos, nas palavras da autora, com a permanência de certas tendências e características próprias do Rio de Janeiro. A riqueza dos detalhes e a densidade dos conteúdos contrastam com a leveza da prosa, sendo um daqueles livros que não dá vontade de parar de ler.

A leitura dos principais veículos de informação da época é também uma avaliação da forma de comunicação da imprensa brasileira que, desde aquele período, contempla interesses, cria mitos e frequentemente renuncia a apresentar o relato factual. Para além das reportagens temáticas, esta obra oferece ao leitor trechos de grandes cronistas da época, alguns mais bem-humorados e outros mais mordazes, que expressavam as dificuldades associadas à transformação do Rio de Janeiro em uma metrópole de um país periférico.

Neste encontro com o Rio de Janeiro do passado, o leitor encontrará uma nova versão da imagem mais usual associada à cidade. Na segunda metade da década de 1950, havia um contraste entre um Rio de Janeiro libertário e vanguardista e a força dos costumes tradicionais e moralistas. Tal conflito fica nítido na descrição de uma das atividades da polícia à época: evitar as demonstrações mais calorosas de afeto e carinho entre casais. As novidades que marcaram aquele período, como a criação da Bossa Nova, “foram sempre confrontadas com práticas caducas e antiquadas”.

Dentre relatos marcantes, descobrimos por que cada inovação das baterias de escola de samba é chamada até hoje de ‘bossa’. Foi no carnaval de 1959 que a Acadêmicos do Salgueiro apresentou a primeira ‘paradinha’ de meio minuto em uma bateria no carnaval carioca. O Jornal do Brasil chamou de ‘bossa nova’, pois, como relata a autora, na época, tudo que era bom era “cheio de bossa”.

O crescimento do carnaval das escolas de samba, que aponta para uma trajetória de maior continuidade, dada a dimensão que os desfiles alcançaram hoje, contrasta com o esvaziamento do carnaval de rua naquele período. Uma marca tão cara hoje à cidade passou, ao longo desses setenta anos, por ciclos importantes de expansão e retração como o que ocorria ali. Dentre as possíveis explicações, como os aumentos de preços abusivos de itens de carnaval, encontramos algumas características que apontam

para mais um componente de permanência: a violência policial, como parte integrante do carnaval carioca. Joel Silveira, em 1956, expressou essa percepção de forma clara: “Ao povo, ficou apenas a rua. E a polícia. E a polícia foi, sem dúvida, o grande folião deste Carnaval.”

A violência policial aparece em diferentes momentos ao longo do livro e, portanto, ia além da tentativa de manter o controle dos festejos culturais, ansiado pela elite carioca. Joel Silveira surge novamente no livro para relatar o “sangue e a boçalidade” da polícia do Rio de Janeiro, cujas técnicas mais avançadas seriam “o cachação, o espancamento e a tortura”, ao “melhor estilo do cangaço”.

Esta obra traz como pano de fundo o momento histórico e político das transformações brasileiras naqueles que seriam os 50 anos em 5. Um marco desse período, o desenvolvimento da indústria automobilística, é retratado nas promessas de JK a respeito da produção de automóveis, caminhões, ônibus e jipes 100% brasileiros. Mesmo o Correio da Manhã reconhecia o feito da trajetória em busca da ‘emancipação econômica’, em linha com os argumentos de Maria da Conceição Tavares. A partir da internacionalização da produção de autopeças, de máquinas e equipamentos e até das máquinas para abertura de estradas, o Brasil aos poucos passava a produzir o necessário para dar continuidade à industrialização, reduzindo nossa restrição externa ao crescimento. Ainda assim, o tratamento da imprensa carioca dado ao Presidente JK não passa despercebido no livro, acusado de responsável por todas as mazelas que assolavam a cidade.

Em contraposição a essa visão, o livro descreve os efeitos de uma urbanização descontrolada e do crescimento acelerado de grandes cidades, como o antigo Distrito Federal, que ocorria em paralelo à ascensão da industrialização brasileira. A migração em busca de melhores condições de vida, estimulada pelo crescimento de estradas ligando o país, fortaleceu esse crescimento desordenado. As

demandas sociais crescentes por moradia, emprego, escolas e hospitais reforçavam a distância entre a realidade social e a expectativa de o Rio de Janeiro seguir um padrão parisiense de urbanização.

Desde a chegada da família real, a tentativa de europeização da cidade do Rio de Janeiro transmutou-se na segmentação da cidade, com benefícios e melhorias concentrados quase exclusivamente no Centro e na Zona Sul. Para grande parte da cidade, permaneciam situações precárias e de carência total. Se, por um lado, em Copacabana, intervenções urbanas nesse período, como a abertura do Túnel Novo e a duplicação da Avenida Atlântica, reduziam os efeitos do rápido crescimento da circulação de automóveis e de coletivos, por outro lado, os moradores dos subúrbios do Rio, cada vez mais afastados do centro, seguindo a expansão da malha ferroviária, corriam risco diário de acidente, como o engavetamento de quinze vagões que deixou quase 150 mortos em março de 1958.

O transporte público era e ainda é uma questão crítica no Rio de Janeiro, marcado desde o princípio por disputas entre governos e concessionárias, com consequências para a população que se revoltava com aumentos de tarifas, superlotação e atrasos constantes, em especial dos bondes que resistiam, apesar do crescimento vertiginoso da demanda. Mesmo com a forte campanha das concessionárias de bondes para mantê-los em circulação, aos poucos, os ônibus começaram a disputar a demanda por transporte. Mantinha-se, todavia, a segmentação da cidade, com as áreas mais nobres mais bem atendidas por transportes públicos.

Novas ruas e avenidas, cada vez mais largas, faziam-se necessárias diante do aumento da circulação de automóveis pessoais que concorriam por espaço com os bondes, ônibus e lotações. E, como diria a música, “cariocas não gostam de sinal fechado” desde aquela época. A (má) educação no trânsito, uma característica triste da cidade, já aparecia nos jornais. Segundo o Diário Carioca,

em 1956: “ninguém respeita os sinais luminosos e as faixas. Os veículos trafegam na contramão com a maior desenvoltura”.

Com uma forte sensibilidade política e social, a autora nos fornece ricos detalhes de uma característica marcante do Rio de Janeiro, também presente em outras grandes metrópoles do mundo atual: a cidade conviveu de forma permanente com um processo de combinação insatisfatória entre urbanização e pobreza. Temas como crescimento das favelas, pobreza e população de rua são apresentados com minúcias de um momento crucial para a configuração da sociedade carioca.

Nos anos 1950, a crescente favelização já era vista como uma questão social e política que exigia uma solução mais ‘assertiva’. Mas não existia um consenso sobre a forma de atuação e nem mesmo um amplo alcance da relevância do problema. “A indiferença, o desprezo, a desconfiança e a repulsa predominaram.” De um lado, a elite da época oscilava entre a indiferença e a exigência da eliminação daqueles núcleos habitacionais em meio às regiões cada vez mais modernas. De outro, a população que ocupava encostas de morros para poder ter o acesso à moradia, ainda que em condições precárias, preferia essa solução às alternativas oferecidas pelo poder público. O relato de um morador que foi removido de uma das favelas é estarrecedor: “agora vamos para Vigário Geral por conta da prefeitura. Mas o local ali é ainda pior do que este, porque é cheio de lama, escuro e deserto. Da outra vez, um rapaz morreu afogado no pântano, sem que ninguém pudesse fazer nada”.

Ao longo do livro, as adversidades do Rio de Janeiro se encarregam da tarefa de desfazer a crença de que a má-sorte da cidade seria fruto da posterior mudança da capital para o Planalto Central. O crescimento da população em situação de rua, em particular de crianças que pediam esmola e comida nas ruas, é parte desta triste realidade que volta a assolar a cidade em plena década de 2020. A partir de sua vasta experiência como historiadora econômica, a

autora revela que a má provisão de serviços públicos, em especial nos subúrbios cariocas, foi discutida em 1956 no IV Congresso de Reivindicações Suburbanas. Os poucos registros desse Congresso são apresentados no livro e indicam que os principais problemas não foram até hoje sanados: as condições de transporte, a saúde, a educação e a urbanização dos subúrbios cariocas.

De forma mais democrática, a carência de abastecimento de água e do serviço de esgotos sanitários afetava quase toda a cidade, sendo foco de muitas doenças. Aqui temos um dos poucos relatos que compõem o livro no qual se destacam avanços nos anos posteriores. Os altos índices de mortalidade infantil, muito ligados a doenças de fácil tratamento profilático, como diarreia, e doenças que acometiam mais crianças, como a paralisia infantil, ainda eram muito comuns naquele período. A autora enaltece os avanços nas décadas seguintes, quando foi possível, a partir de políticas públicas universais, tornar as vacinas obrigatórias desde o nascimento e não mais valendo-se de campanhas pontuais em períodos de forte expansão de determinadas doenças. Cabe destacar que atualmente vemos ser retomado no Brasil um discurso antivacina e uma série de cortes de recursos para a atenção básica, que representam um retrocesso em termos de conquistas que pareciam consolidadas para garantir o bem-estar da população.

Em 2022, a conjuntura política, econômica e social brasileira, marcada por uma disputa eleitoral que contrastou duas propostas diametralmente opostas de país, reforça a importância desta nova edição. Sem desconsiderar ou mitigar o impacto da transferência da capital para Brasília sobre o Rio de Janeiro, esta obra busca ao mesmo tempo desmitificar seus efeitos e denunciar a incapacidade de se enfrentar problemas básicos que já caracterizavam o Rio de Janeiro quando ainda era o Distrito Federal.

No passado, o noticiário jornalístico ocupou-se de cobrir as adversidades cotidianas, em especial aquelas mais diretamente

relacionadas à população mais abastada. Hoje, permanece sua omissão como agente mobilizador da sociedade, furtando-se da tarefa de repercutir ideias que possam impulsionar benefícios a toda a população e debater projetos políticos que busquem soluções permanentes para problemas que se perpetuam por décadas. Ao leitor caberá ressignificar a visão idílica de ‘cidade maravilhosa’, inspirada em sua exuberante beleza natural, uma vez diante dos contrastes de um moralismo pequeno-burguês, carregado de preconceitos, e do cerceamento de oportunidades a uma grande parte de sua população.



1ª edição	dezembro 2022
impressão	meta
papel miolo	pólen soft 80g/m ²
papel capa	cartão triplex 300g/m ²
tipografia	mendoza e filson

VANIA MARIA CURY é carioca, flamenguista, ama o Rio (pela história da cidade) e admira Brasília (pela ousadia do sonho). Por décadas, foi professora de história econômica do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Estruturado a partir de temas impactantes, como carnaval e dimensões culturais, favelas, subúrbios e transporte, segurança e saúde pública, nos deparamos com a permanência de certas tendências e características próprias do Rio de Janeiro. A riqueza dos detalhes e a densidade dos conteúdos contrastam com a leveza da prosa, sendo um daqueles livros que não dá vontade de parar de ler. Sem desconsiderar ou mitigar o impacto da transferência da capital para Brasília sobre o Rio de Janeiro, esta obra busca ao mesmo tempo desmitificar seus efeitos e denunciar a incapacidade de se enfrentar problemas básicos que já caracterizavam o Rio de Janeiro quando ainda era o Distrito Federal.

ESTHER DWECK

Professora do Instituto de Economia da UFRJ



ISBN 978658131537-5

